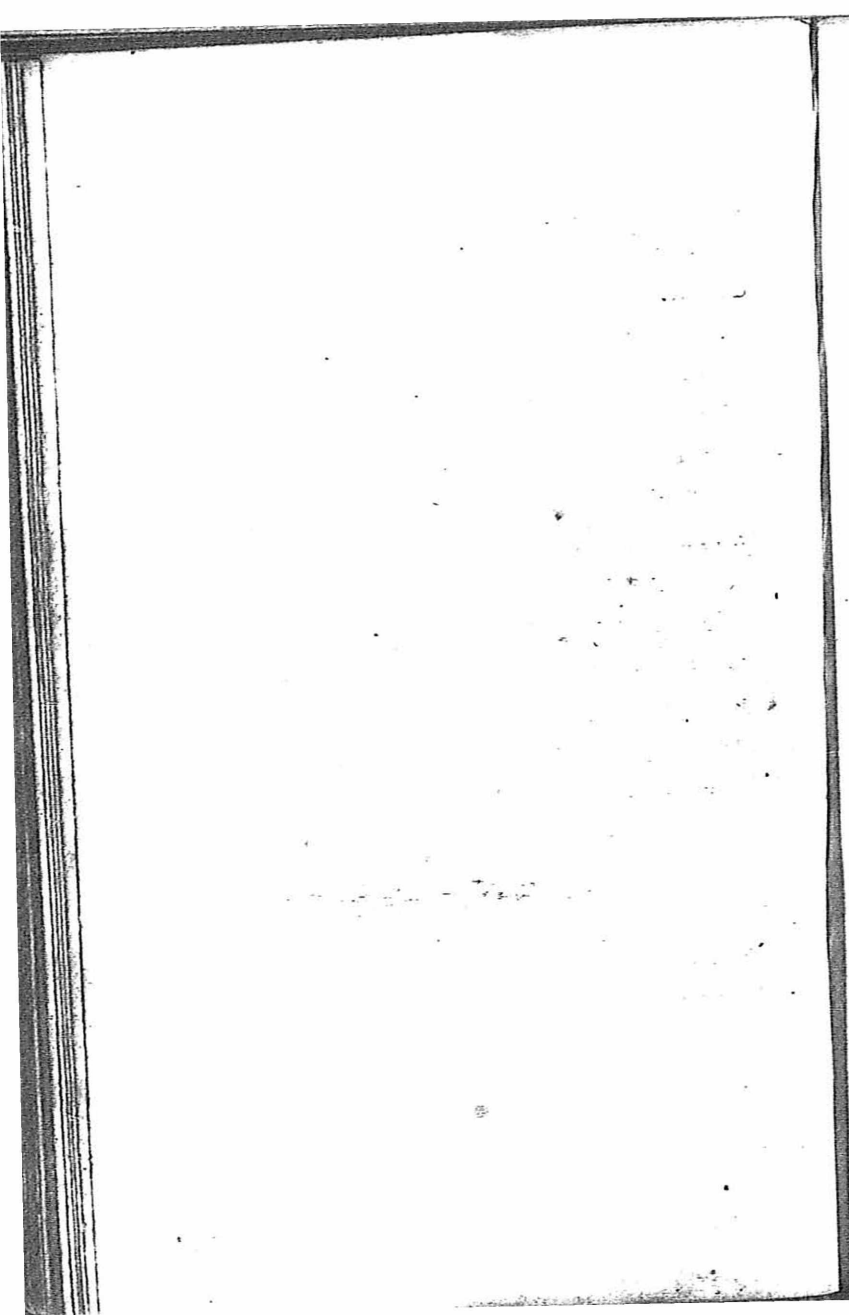




AVENTURAS
DE ARISTONOO
POR FENELON.



COPY

184057

2/48319

AVENTURAS

DE

ARISTONOO.

P R I V A D O Sophronimo dos bens de seus antepassados por naufragios e outros infortunios, co' a sua virtude se consolava na Ilha de Delos. Cantava em Lyra de ouro maravilhas do Deos que ahi se adora; cultivava as Musas de que era amado; curioso indagava todos os segredos da natureza, o curso dos astros e dos Ceos, a ordem dos elementos, a fabrica do Universo, que com seu com-

passo media, a virtude das plantas, a conformação dos animaes; mas sobretudo estudava-se a si mesmo, e applicava-se a ornar su' alma co' a virtude: assim a fortuna querendo abatê-lo, o elevára á verdadeira gloria; que é a da Sabedoria.

Em quanto feliz e pobre vivia neste retiro, divisa um dia, sobre as ribeiras do mar um veneravel velho que desconhecia. Estrangeiro era que á pouco abordára a Ilha. Admirava as orlas do mar em que sabia que n'outro tempo ella fluctuára; considerava a costa onde remontavão, a cima das areias e rochedos, pequenos outeiros coroados sempre de florida e renascente relva; não se fartava de olhar as puras fontes, e rapidos ribeiros, que este delicioso campo borrifavão; avizinha-se dos sagra-

dos bosques que o templo do Deos circumdão; espantava-se de ver a verdura que os Aquilões se não atrevião a deslustrar, e já contemplava o templo de marmore de Paros, mais que a neve branco, rodeado de altas columnas de jaspe. Não menos attento Sophrónimo o considerava. A branca barba se lhe debruçava no peito; o enrugado semblante nada tinha de desforme; isento ainda das injurias da caduca velhice, mostravam seus olhos meiga vivacidade, e a magestosa, alta estatura, curvando-se um pouco, n'um bastão de marfim se sustinha. Oh estrangeiro, Sophrónimo lhe diz, que procuras nesta Ilha, que por ignota consideras? Se o templo do Deos, de longe o avistas; eu, que os Deoses temo, offereço-me a lá guiar-te, eu que apprendi quanto Jupiter ordena

que façamos em soccorro dos estrangeiros.

Aceito, respondeo o velho, o que tão assinaladamente benéfico me offereces: supplico aos Deoses que a tua affeição hospedeira recompensem: Vamos ao templo. No caminho a Sophronimo contou o motivo da sua viagem. « Chamo-me Aristónoo, nasci em Clazómena Cidade da Jonia, situada sobre a agradável costa, que alongando-se no mar, parece querer juntar-se à Ilha de Chio, ditosa patria de Homero; quanto meus paes tinhão de pobres tanto tinhão de nobreza. »

Meu pae chamado Polystrate, já carregado de numerosa familia, não quíz educar-me; por um de seus amigos de Teos mandou-me expor. Uma matrona d'Erythrée que possuia bens junto ao

lugar onde me expozerão , com leite de cabra me nutrio em sua casa ; mas como era pobre , apenas que eu cheguei á idade de servir , vendeo-me a um negociante de escravos , que me levou á Ly-
cia , e em Pátara me re-vendeo a um homem rico e virtuoso , por nome Al-
cino , que pôz seu desvelo na minha mo-
cidade : e como lhe pareci docil , mo-
derado , sineero , dado a todas as cousas
honestas em que instruir-me quizerão ,
votou-me ás Artes que Apollo favele-
cursei aulas de muzica , de exercicios de
corpo , e mais que tudo as que ensinão
a curar humanas enfermidades . Rapida-
mente adqueri avultada reputação em Sciencia
tão necessaria : Apollo inspirou-me . . .
revelou-me segredos maravilhosos . Al-
cino que me estimava cada vez mais , e
que em vêr bem-logrado o seu desvelo

se arrebatava , enviou-me a Polycrates tyranno de Samos , que na sua felicidade incrível , temia sempre que a fortuna , depois de tão longo tempo o tẽr lisongeado , não o trahisse cruelmente. Amava a vida que para elle superabondava em delicias ; de perdê-la se assustava... quizêra prevenir do mal a menor sombra ! De lá vinha tẽr sempre ao lado os homens mais celebres em Medecina.

Regosijou-se Polycrates de que eu quizesse passar a vida junto delle. Na tenção de perpetuo me tẽr consigo , accumulou-me de honras e riquezas. Longo foi o prazo que me demorei em Samos , onde me assombrava demasiado , vêr que a fortuna se felicitava em servi-lo segundo todos os seus desejos ; bastava emprehender uma guerra para que a victoria no alcance lhe viesse ;

anhelasse as cousas mais difficéis... e ellas como por si mesmas executadas. De dia em dia lhe medravão as riquezas; abatidos aos pés lhe estavam todos os inimigos; a saúde, longe de atenuar-se, mais forte e inalteravel re-crescia. Havia ja quarenta annos que feliz e tranquillo se via o tyranno, como se houvéra agrilhoado a fortuna, sem que esta ou-
 guesse nunca desmenti-lo em nada, ou causar-lhe o menor dissabor em todos os seus designios.

Prosperidade entre os homens tão inaudita sustos me dava a seu respeito; que o amava eu sinceramente, e não pude fugir a lhe descortinar meu temor; sensibilisei-lhe o coração; que ainda assim amollentado pelas delicias, e ensoberbecido com o poder, exornavão-no alguns affectos de humanidade,

quando lhe subião á lembrança os Deoses, e ainconstancia das humanas cousas!

Soffreo que eu lhe dissesse a verdade, e determinou pôr cabo á corrente de tantas prosperidades, por uma perda que elle mesmo se queria preparar: Bem vejo, me diz, que não ha homem, que em toda a sua vida deixe de provar algum revez da Fortuna. Quanto mais esta o poupou, mais é para temer alguma revolução terrivel. Eu a quem ella a tantos annos assorberba com favores, cumpre-me esperar males extremos, se não desvio o que parece ameaçar-me; dou-me portanto pressa a prevenir traicões da fallaz Deosa n. Estas palavras dizendo, arranca do dedo o anel de muy grande preço, e que muito amava, arroja-o, á minha vista, do alto de uma torre ao mar, aguardando que tal perda satisfi-

resse a necessidade de padecer, ao menos uma vez na vida, os rigores da sorte. Mas o esplendor o deslumbra. Males que se escolhem, que a si mesmo se preparam, deixão de ser males. Só nos affigem penas forçadas e imprevistas, com que os Deoses nos ferem.

Não sabia Polycrates que o verdadeiro meio, de prevenir a fortuna, era desprender-se, por sabedoria e moderação, dos frageis bens que ella outorga. A fortuna a quem elle quíz sacrificar o anel, desdenhou a offrenda, e Polycrates, máo grato seu, pareceo mais feliz que nunca.

Engolira um peixe o anel, e como pescado foi levado a casa de Polycrates, ao prepara-lo para servir-lhe de alimento, o cosinheiro lhe achou no ventre o anel, e o restituiu ao tyranno, que infiou á vista de uma Deosa tão obsti-

nada em favorecê-lo. Mas chegava o tempo em que a ventura devia subito mudar-se em horrorosos infortunios.

O grande rei da Persia Dario filho de Hystaspes empredeu a guerra contra os Gregos ; subjugou logo todas as Colonias gregas da Costa d'Asia , e das vizinhas Ilhas que estão no mar Egeo ; Samos foi tomada , o tyranno vendido , e Oronte que , em lugar do grande Rei , capitaneava , mandando allevantar uma alta cruz , nella o pregou. Assim o homem que desfructára tão prodigiosa felicidade , que não pudéra mesmo sentir o disgosto que escolhêra , de repente pereceó no mais cruel e mais infame de todos os supplicios.

Nada tanto ameaça aos mortaes grande infortunio como a demasiada prosperidade. Essa fôrta que barbara

zomba dos mais elevados homens , alça
 também do pó aquelles que mais des-
 graçados erão. Precipitára Polycrates
 do alto da roda , e fizera-me surgir da
 mais triste de todas as condições , para
 grandes bens me conferir. Não mos
 roubarão os Persas , antes fizeram muito
 cazo da minha sciencia para sanear a hu-
 manidade , e da moderação com que vi-
 vera em quanto privara co' tyranno : os
 que abusarão da sua confiança e autori-
 dade forão diversamente castigados.
 Como nunca eu fizera mal a alguém , an-
 tes pelo contrario todo o bem que pude ,
 fui o unico a quem os victoriosos per-
 doarão , e honoríficos tratarão : Todos de
 gosto exultão ; por quanto , amado , e
 venturoso sem inveja , eu nunca em mim
 dureza , cobiça , orgulho , ou injustiça de-
 mostrava. Assaz tranquillo deslizei ainda

em Samos alguns annos ; mas desejo violento, me instigou a tornar a vêr Lycia, onde tão docemente passára a minha infancia : esperava ali achar Alcino que me criara, e que de todo o meu bem era o autor primeiro.

Abicando nesse paiz, soube que Alcino morrêra tendo perdido os bens, e soffido com muita constancia destenturas da velhice. Fui desparzir lagrimas e flores sobre suas cinzas, e gravei no seu tumulo, epitaphio honroso. Perguntei que era feito de seus filhos. Responderão-me : que o só que ficára, e se chamava Orciloco, não podendo resolver-se a pizar sem cabedões a Patria, em que tanto esplendor seu pae tivêra, se tinha embarcado em navio estrangeiro, para ir passar vida obscura n'alguma Ilha, onde arredado do mar vi-

vêsse. Ajuntarão : que este Orciloco naufragára pouco tempo depois perto da Ilha de Carpathia, de modo que ninguém mais restava da familia do meu Demfeitor Alcino. Cuidei logo em comprar a casa onde elle morára, e tambem os fertes campos que em roda possuia. Bem contente com visitar sitios que me excitavão a doce lembrança de tão agradável época, e de tão bon. senhor ; figurava-se-me estar ainda na flor de meus primeiros annos, em que servira Alcino. Apenas comprei aos credôres os bens deixados, eis-me obrigado a partir para Glazómena. Tinha morrido meu pai Polystrate, e a minha cara Phidilia : tinha muitos Irmãos que vivão mal uns com os outros ; logo que cheguei a a Glazómena visitei os modesto no meu traço, como falto de bens,

mostrando-lhe os sinaes que, como sa-
beis, acompanhão os expostos. Attonitos
ficarão vendo assim augmentar-se o nu-
mero dos herdeiros de Polystrate,
a quem vinha a limitada herança : até
me quizerão contestar o nascimento , e
ante os Juizes reconhecer-me recusarão.

Para os punir de inhumanos , decla-
rei consentir em passar por estranho
entre elles ; requeri que fossem para
sempre excluidos de ser meus herdei-
ros ; os Juizes o ordenarão. Então mani-
festei as riquezas que trouxera em meu
navio ; descobri-lhe ser eu o Aristónoo
que tantos thesouros adquirira junto de
de Polycrates de Samos , e que nunca
me desposára.

Arrependerão - se meus Irmãos de
tão injustos me terem tratado , e com
fito de podêrem ser algum dia meus her-

deiros , fizeram os ultimos , mas inuteis esforços para recobramos minha amizade. Suas divisões foram causa de que os bens de nosso pai se vendessem ; comprei-os , e passarão pela dôr de ver quanto elle possuira , no poder daquelle a quem tinham negado a menor parte. Desta maneira cahirão n'uma extrema pobreza : mas depois que tiveram bem sentido seu erro , perdoei-lhes , recebi-os em minha casa , dei a cada um com que ganhar riquezas no commercio do mar , congreguei-os todos ; elles e seus filhos socegados moramos juntos : fiz-me pae commum de todas estas famílias diferentes. Unidos e entregues ao trabalho depressa accumularam riquezas consideraveis. Porem a velhice como vês á porta veio bater-me ; alvejou-me os cabellos ; enru-

gora-me a frente, avisou-me que dilatado tempo não gozaria tão perfeitas delicias. Antes de morrer quíz dar ultima vista ao paiz que me é caro, e que, mais ainda que a patria, me enternecé, a Lycia onde apprendi a ser bom e cordato sob a inspecção do virtuoso Alcino!

Deparei na viagem que fiz com um negociante das Ilhas Cycladas, o qual me assegurou que ainda existia em Delos um filho de Oreiloco, que imitava a sabedoria e virtudes de seu avô Alcino. Immediatamente deixei o caminho de Lycia, appresseime em vir buscar nesta Ilha, auspiciando-me Apollo, o resto precioso da familia a que tudo devo. Resta-me pouco tempo para viver: a Parca inimiga do doce repouso que os Deoses, tão raramente, concedem aos mortaes, rápida virá cortar-me os dias;

mas, contente morrerrei se meus olhos antes de a luz se fecharem, avistão o neto de meu Senhor. Dize pois, oh tu que resides como elle nesta Ilha! Conhece-lo? Poderás dizer-me onde o eu encontrarei? Se mo deparas, oxalá que os Deoses ponhão no teu colo filhos de teus filhos até a segunda geração! Oxalá conservem tua casa, por fructo de tuas virtudes, em paz e abundancia! Em quanto Aristónoo assim se exprimia, lagrimas vertia Sophronimo entreteidas de alegria e dor. Por fim sem poder fallar, arrojou-se ao pescoço do velho, abraçou-o, e, cerrando-o, com pena soltou estas palavras entrecoladas de suspiros:

Ru sou, ó pae, esse Sophronimo que buscas, neto do teu amigo Alcino; que duvidar não posso quando te ouço, que os Deoses te não enviassem aqui para

mitigar minhas penas. Em ti se encontra o unico agradecimento que no mundo parecia ter morrido : Ouvi dizer em minha meninice, que um homem nomeado e ricco, que morrêra em Samos, educado fôra em casa de meu avô : mas como Orciloco meu pae, morto mui temporão, me faltou quando eu no berço apenas balbuciava ; só confusas comprehendí essas noticias. Não me atrevi a partir para Samos nessa incertêza ; e mais apreciei ficar nesta Ilha, consolando meus infortunios com o desprezo das vãs riquezas , e com o brando emprego de cultivar as Musas na sagrada Estancia de Apollo. A sabedoria que habitua os homens a contentar-se de pouco, e tranquillos respirarem, substituiu-me ate aqui todos os mais bens.

Assim dizia Sophrónimo, e vendo que

chegava ao templo, propoz a Aristónoo que brasse e que seus presentes offercesse : sacrificarão ao Deos duas ovelhas mais brancas que a neve, e um touro a quem ornava a frente uma nivea meia lua entre as duas pontas; depois cantarão versos em honra do Deos que allumia o Universo, que modéra as estações, que preside ás Sciencias, e que anima o coração das nove Musas. Ao sahir do templo Sophrónimo e Aristónoo passarão o restante do dia a se contar suas aventuras. Sophrónimo recebeu o velho em seu domicilio com a mesma ternura e respeito que lhe testemunhára Alcino se ainda vivêsse. No outro dia partirão juntos e velejarão para a Lycia.

Aristonoo conduziu Sophrónimo a uma fertil campina, nas margens de outro rio, em cujas ondas Apollo, voltando

da caça coberto de pó, tantas vezes mergulhou seu corpo, e lavou os formosos louros cabellos.

Ao longo do rio encontrarão álamos e salgueiros, cuja tenra verdura nascente, palliava os ninhos de numero infinito de passarinhos, que dia e noite discantavam a corrente, afluindo-se estrepitosa e escumante do alto de um rochedo, espadanava as ondas n'um canal bordado de seixinhos multicôres; todo o plaino entapicavão douradas mesetas, outeiros que a maneira de Amphitheatro se elevavão, por madeiras meneando cepas de vinhas, e arvores fructíferas. Eugraçada alli toda a natureza; lá sereno e amigo estava o Ceo, a terra presles sempre a se desentranhar em novas riquezas, as fadigas do lavrador recompensava,

Caminhando pela ourela do rio, deo vista Sophronio de uma pousada mediana e simples, porem agradavel nas justas porções de sua architectura: não alardeava ella marmores nem ouro, nem prata ou marfim, nem púrpura nos moveis: tudo em asseio, sem magnificencias, respirava a graça e commodidade: no meio do pátio corria uma fonte, que adta em arroyo, se devolvia por verdes alcatifas. Não erão vastos os jardins, mas nelles se colhião fructos e plantas uteis ao sustento dos homens: aos dois lados do jardim se alteavão dois bosques, como que ao crear-se a terra com ella á luz viéssem, e cujos espessos ramos offerecião aos raios do Sol impene-travel sombra.

Entrarão n'um sallão, onde grata refeição tomarão, com o que a natureza

em seus jardins lhes ministrava ; sem que nada se visse do que a delicadeza dos homens tão caro buscava nas Cidades ; leite era tão doce, como o que Apollo desvelado mugia , quando pastor do rei Admeto ; mel mais exquisito que o das abelhas d'Hybla em Secilia , ou de monte Hymetto na Attica ; legumes do jardim e fructas recém-collidas ; vinho mais delicioso que o nectar , corria de grandes jarras em lavrados copos.

Durante este frugal, mas doce e socego repasto , não quiz Aristonoo pôr-se á meza, lidando por disfarçar a modestia com diversos pretextos ; mas como em fim Sophrónimo o quiz forçar , declarou que nunca se resolveria a comer com o néto de Alcino , aquem por tantos annos servira a essa mesa : Eis a mesa onde esse cordato ancião tomava o seu

sustento; mesa onde com seus amigos conversava, e se dava a differentes passatempos : alem passeava lendo Homero e Hesiodo; alli a noite repousava.

Taes circumstancias, memorando, se lhe enternecia o coração, e lhe borbulhavam lagrimas dos Olhos.

Depois de refeitos, foi o velho mostrar a Sophronimo o aprazivel prado em que vagayão suas grandes manadas; mugindo sobre as orlas da corrente; logo avistárão rebanhos de Carneiros, que voltavão dos pingues pastos, ovêlhas balantes e retezadas, a quem seguião retoucando os cordeirinhos. Vião-se por toda a parte obreiros diligentes, que amavão o trabalho pelo interesse de seu senhor, que humano, e brando se dava a querer, aliviando-lhe o pezo da escrayidão.

Mostrada a Sophrónimo a morada,

mostrados os escravos, os rebanhos que disvellada cultura fertilizára, Aristónoo assim lhe falla :

» Arrebatado estou de vêr-te no antigo patrimonio de teus antepassados ; eis-me contente , que te dou posse dos sitios , onde por tão espaçoso tempo servi Alcino ; em paz goza do que d'elle foi , vive feliz , e de longe te prepara a mais grato acabamento do que o seu foi ».

Alli lhe doou quantos bens lhe amose trára , com toda a solemnidade que a lei prescreve ; declarando-lhe que excluia em seu testamento os naturaes herdeiros , se tão ingratos fossem , que em tempo algum , contestassem a doação que fazia ao neto de Alcino seu bemfector. Não contente ainda o coração de Aristónoo , com o que dera, ornou as ca-

sas, antes que as entregasse, com re-
 centes moveis, simples e modestos sim,
 mas agradaveis e asseitados; atulhou os
 celeiros com ricos presentes de Ce-
 res, e a adega de um vinho de Chio,
 digno de apresentar-se, pela mão de
 Ganimedes, á mesa do grande Jupiter;
 lá depoz tambem *Parmeneu* vinho, com
 abundante provizão de mel de Hymetto
 e d'Hybla, e de azeite da Attica, tão
 doce quasi como o mesmo mel; accu-
 mulou por fim, e sem conto, finos e ne-
 vados vellos, ricos despojos das ten-
 ras ovelhas que se appascentavão nas
 montanhas da Arcadia, e nos grossos
 pastios da Secilia. Taes deixou a So-
 phronimo os casas e ós mais bens, ac-
 companhados de cincoenta *Euboicos* ta-
 lentos, reservando para seus parentes

os bens que possuia na Peninsula de Clazómena, nos arrêbaldes de Smyrna, de Lebede, e de Colophôn; que erão de grande preço.

Feita a doação, Aristónoo se embarcou no seu navio para voltar a Jonia; Sophrónimo enternecido e maravilhado por tão magníficos favores, lhe fez lado até ao baixel, vertendo-lhe os olhos lagrimas, chamando-o sempre seu pae, e estreitando-o nos braços. Depressa abordou Aristónoo aos seus lares com feliz viagem: nenhum dos seus parentes ou sou lastimar-se, do que elle acabára de conferir à Sophrónimo.

» Deixei, dizia-lhe, por ultima vontade no meu testamento, esta ordem, que todas minhas riquezas serião vendidas e distribuidas aos pobres de Io-

nia, se algum de vos traçasse oppor-se em algum tempo, á dadiya que offereço ao neto de Alcino.

Este sabio velho em paz vivia, e de fructava os bens que os Deoses tinham prodigalizado á sua virtude. Todos os annos apezar da sua velhice, fazia uma viagem a Lycia, a ver Sophronimo, e a sacrificar sobre o tumulo de Alcino, que enriquecera com os mais bellos ornamentos de Architectura e Sculptura: tinha ordenado que suas proprias cinzas, depois da sua morte fossem levadas ao mesmo sepulchro, affin de repousarem com as do Senhor, que tão caro lhe era.

Cada Primavera Sophronimo impaciente dessa vista, apontados de continuo os olhos á praia do mar, esforçava-

se por descobrir o navio de Aristonoo , que nesta estação chegava. Todos os annos tinha o prazer de avistar , rompendo as salsas ondas , esse navio que tanto amava , e a cada vinda lhe trazia mais avultado contentamento, que quantas graças alardêa a natureza, quando, d'entré os rigores do hynverno medonho , ressurge engraçada a Primavera.

Anno houve em que não vendo chegar , como nos outros , o desejado baixel , amargosamente suspirava. Sustos e tritezas se lhe affiguravão no semblante ; longe fugia de seus olhos o li-songeiro somno ; nenhum sabor achava nas mais trabalhadas iguarias ; inquieto o amedrontava o menor ruido ; para o porto sempre applicada a vista , perguntava , a todos os instantes , se era

chegado algum navio de Ionia ; eis um que chêga.... mas ah ! Que Aristonoo não traz , mas só delle as cinzas em urna argentea ! Urna que amigo seu , e do toque de igual dade , o velho Amphicles , fiel executor das suas ultimas vontades , trazia pezaroso. No arrestar-se com Sophronimo , a ambos selhes perdêrão na garganta as vozes , d'onde somente se soltavão os soluços. Sophrónimo , beijada a urna e com lagrimas banhada , assim fallou :

» De ti , ancião , toda a minha ventura me procede , como agora me procedem todos os meus pezares ; mais te não tenho de vêr ! Fôra-me suave a morte , a te ir vêr , a te ir servir lá nos Elysios , onde logrão teus Manes bemaventurada paz , qual os justos Deoses reservão á Virtude. Trouxeste á terra , em nossos

dias, a gratidão, a justiça, é a piedade; manifestaste n'um século de ferro a bondade e innocencia da idade de ouro; os Deoses antes dê láurear-te na habitação dos justos, concedêrão-te neste desterro, agradável, duradoura e affortunada velhice. Mas ah! Nunca é assaz longo o que durar sempre deveria! Já, pois que sem ti o sinto, nenhum prazer desfructo. Oh Sombra cara, quando te seguirei eu? Preciosas cinzas, se acazo ha em vós sensibilidade!, tomareis prazer (por certo) em vos mesclardes ás de Alcino; e' ellas tambem um dia mesclar-se-hão as minhas; em quanto o espero, será todo meu alivio conservar os restos do que eu mais amei na vida. Oh Aristonoo, não todo morrerás! Tens de assiduo viver no claustro do meu peito; deslembrar-me antes de mim mesmo,

que esquecer-me jamais de homem tão amavel, que me tanto amou, que tanto amou a virtude..... do homen a quem eu sou devedor de tudo !

Depois destas palayras entaladas entre profundos suspiros, Sophronimo collocou no tumulo de Alcino a urna : muitas victimas sacrificou, que innundarão de sangue os relevosos altares, que o jazigo circumdão; desparzio abundantes libações de vinho e de leite; perfumes queimou, vindos do intimo do Oriente, dos quaes subio aos ares nuvem de aromas. Sophronimo estabeleceo de mais, e para sempre, cada anno, na mesma estação, funebres jogos em honra de Alcino e de Aristonoo : a elles vinhão póyos da Cária, região fertil e ditosa; das encantadas ribas do Mean-

dro, que em tantos côlos como que vaguea, e com saudade parece que se ausenta das veigas que humedecia; das ribeiras sempre vêrdes do Caistro, e abas de Pactólo, que dourada areia em suas ondas revolve; da Pamphilia que Ceres, Pomona, e Flora émulas adornão; dos vastos plainos, emfim, de Cilicia, aspergidos, como uma paisagem, pelas torrentes que ruem do Tauro monte, onde pei petuas branquejão espessas neves.

Durante essas exequias solemníssimas, os mancêbos e donzelas, trajados de lineas roçagantes vestes, que na alvura davão de rosto aos lírios, alternavão hymnos em obsequio de Alcino e de Aristonoo; por que se não podia louvar um sem outro, nem separar dois ho-

méns, mesmo depois da morte tão intimamente unidos.

O que houve de mais maravilhoso foi que desde o primeiro dia, em quanto Sophronimo fazia libações de vinho e de leite, um myrto de exquisita verdura e cheiro, brotou do meio da sepultura, e repentino exalçou a entonada fronte, para com os ramos, e com a sombra acubertar as duas urnas. Exclamarão todos que Aristoneo, em galardão de sua virtude, fôra pelos Deoses transmutado em arvore tão linda; Sophronimo incumbio-se de a regar elle mesmo, e de a honrar como uma Divindade.

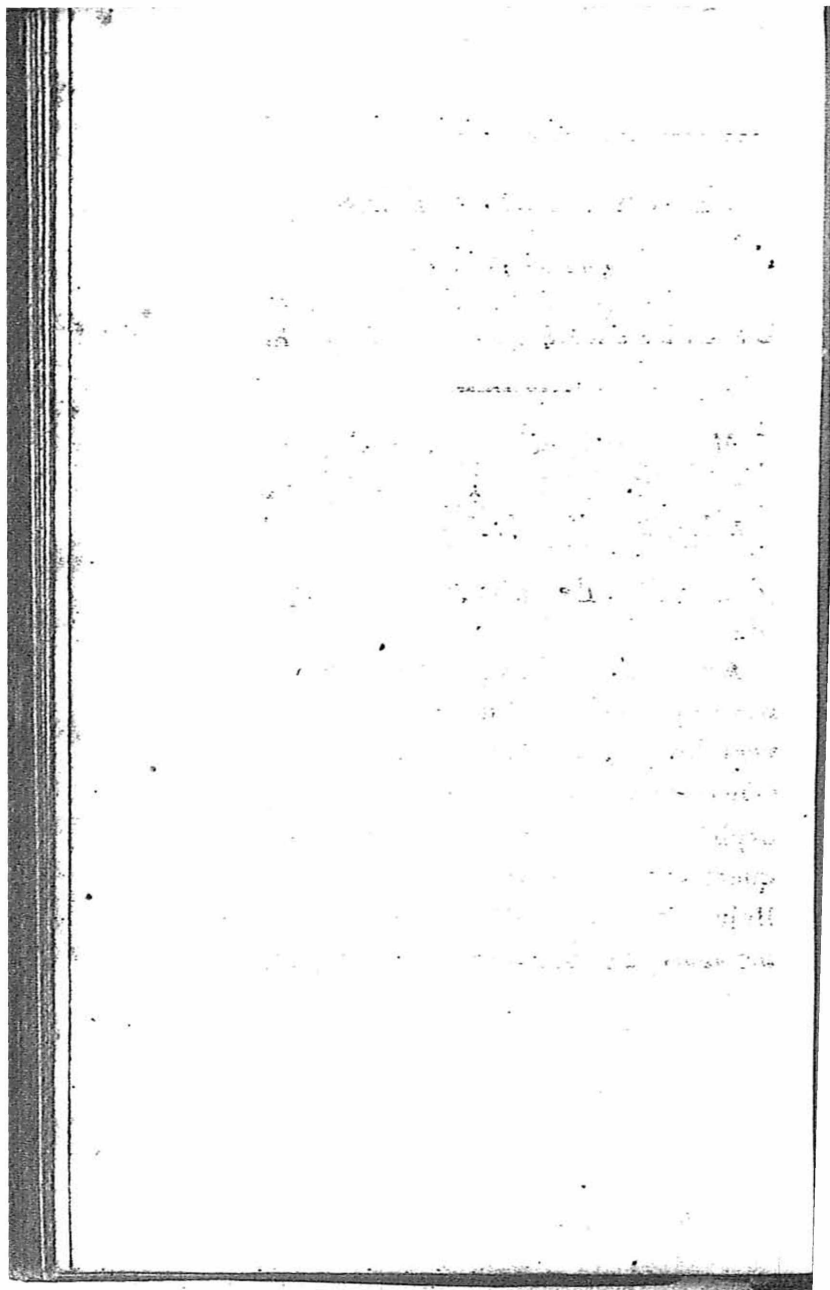
Esta árvore longe de envelhescer, se renova de dez em dez annos, e os Deoses quizerão mostrar com esta maravilha, que a Virtude que exhala tão doce aroma,

(116)

na lembrança dos homens, nunca mais
perêce.

FIM DAS AVENTURAS DE ARISTONOO.

ESTES fragmentos de Litteratura Franceza , que traduzi outr'ora para me familiarizar com a Lingua, que tanto me cumpre saber, não merecião dar-se ao prélo; mas como versão quasi todos, sobre materias moraes , e são de Autores de bẽm merecida fama; julgo que, a pezar dos muitos defeitos , serão sempre de alguma utilidade.



FRAGMENTOS

TRADUZIDOS

DA LITTERATURA FRANCEZA.

O Missionario Bridaine, n'um dos primeiros Templos, e no meio da mais nobre assemblea da Capital.

EXORDIO.

À VISTA de auditorio para mim tão novo, parece-me, Irmãos, que só de-
vêra descerrar os labios, para vos pedir
vénia em favor de um pobre Missionario,
orphão de todos os talentos requisitos em
quem vos vem fallar da vossa salvação.
Hoje, com tudo, diverso movimento
me abala, e se humilhado me sinto, oh

não imagineis , que me abata aos miseros desasossegos da vaidade ! Não consinta Deos que o seu Ministro chegue a pensar , que necessita de desculpa em vossa presença ! Que a ser-des vós quem fordes , sois , como eu , peccadores. Só diante do vosso Deos e do meu , neste instante releva ferir-me o peito.

Tégora appregoei as Justiças do Altissimo em Templos cobertos de colmos ; preguei os rigores da penitencia a desgraçados que o pão esmolão ; annunciei aos bons moradores do Campo as mais terriveis Verdades da minha Religião.... infortunado !... que fiz ? Contristei os pobres , os melhores amigos do meu Deos ; arrojé o espanto e a dor a essas almas simples e fieis , de quem devera condoer-me e consola-las.

A vista desce-me agora aqui sobre os ricos , sobre os oppressores da humanidade penante.... ou sobre peccadores altanados e empedernidos ; aqui é que me incumbe reforçar a voz , e que ella tal retumbe como , com o estampido , o raio da palavra sancta. Trovéje comigo de um lado , neste pulpito , a morte que nos ameaça , e do outro o meu Omnipotente Deos , que descende a julgar-vos. Nesta dextra , oh Christãos , sopezo neste instante a sentença vossa !.... tremei diante de mim , homens desprezadores e orgulhosos , que me estaes ouvindo ! A necessidade da salvação , a certeza da morte , o incerto dessa hora tão medonha , a inpenitencia final , o ultimo Juizo , o limitado numero dos escolhidos , o Inferno , e sobre tudo a Eternidade ; a Eternidade ! tal é o as-

sumpto que vos trago , o unico sem duvida que devêra reservar-vos.

E necessito eu de applausos vossos? De applausos que em contra de vos salvar , talvez me condemnassem? Deos é quem , durante eu fallo , se cinge a commover-vos , que adquirida tenho profunda experiencia das suas misericordias. Então penetrados de horror no avistar as passadas iniquidades , vireis arrojar-vos em meus braços , derramando lagrimas de conpuncção e de arrependimento , e á força de remorsos , me dareis por eloquente.

Extrahido das Obras do Cardenal

MAURY.

EXHORTAÇÃO

AO ESTUDO DAS SCIENCIAS NATURAES.

E como deixareis de para sempre conservar o ardor ácerca das Sciencias naturaes? Qualquer destino que vos espere, em qualquer região do Globo que devão deslizar-se vossos dias, a Natureza vos cercará continuo com suas produções, com seus phenómenos, e com suas maravilhas. Nos vastos plainos, no centro dos espessos bosques, sobre a cima dos montes, nas faldas da solitaria encosta, à margem dos placidos rios, sobre a superficie immensa do empolado Oceano, sereis continua-

mente ladeados de objectos do vosso estudo.

Seguirvos-ha por toda a parte a collecção que ostenta a Natureza, com tanta magnificencia, aos ólhos dignos de a contemplar, e tão superior a todas as que o tempo, arte, e poder congregarão nos templos dedicados á instrucção.

E qual é o ponto da terra em que a Sciencia, a cujos progressos nos votamos, deixe de nos mostrar um novo ente a descrever, uma nova propriedade a reconhecer, um novo phenómeno a descobrir? Qual o Clima em que deixareis de muito penhorar vossos semelhantes, transportando, multiplicando, aperfeiçoando as especies e as raças; mais fortes subsidios dando á agricultura, ao Commercio, producções mais numerosas, ou

mais bellas; ás nações populosas mais agradaveis meios de subsistencia, mais salutaes e abundantes?

Ah! não deis nunca de mão á mais pura fonte de felicidade a que os homens podem remontar-se. Quão cheios de mais razão devemos afirmar, o que já disse a philosophia do estudo em geral, dessa paixão constante e doce, que se anima com o tempo, inflamma sem consumir! Tão encantadora arrastra; imprime n' alma tão vivos movimentos, e tão pouco tumultuosos, toda se apropria a existência; e á desordem arrancando-a, ao desasoscego; ás penas, com tanta força a prende á conquista da Verdade! Que tem por termo primeiro a observação dos actos da faculdade creadora, por ultimo fim a perfeição do homem! Que se delicia na paz inte-

rior, no secreto jubilo que a escolta, jubilo não facil de conceber-se, e a quem é grinalda a estima do seu seculo e da posteridade! Como formosêa todos os objectos com que se enlaça! A que idade, fortuna, ou estado descompete esse estudo? Encanta-nos os verdes annos, appraz a madura idade, orna de flores a velhice. Que adversidade não minora, dissipando as tristezas, a meigando as dores, removendo os pezares? Que afflicção deixa de atenuar, mitigando o encargo do poder, o disvello consolando das occupações peniveis, profundando no esquecimento a mesma indigencia, e diminuindo o infortunio de uma nimia fama?

Estendei a vista aos homens delebres, cujas acções mais particulares se nos transmitirão. Quaes forão os mais

felizes? Os que se entregão á contemplação da natureza. Attesto Aristoteles, Linneo, Buffon, Bonnet; e o Bernardo de Jussieu, cuja terna vigilancia acerca da conservação de uma nova planta, desenhava tão bellamente a placida felicidade! E o Naturalista (1) que entre nós ainda possuímos, cuja velhice, tão justamente laureada, goza no quêdo de uma feliz, tranquilla, e extensa vida, do agradecimento dos seus cuevos, e da affeição de meus sabios companheiros. Attesto mesmo as illustres victimas da sua paixão sagrada: Plinio que morre no meio do Vesuvio; Varões tão celebres que, peregrinando terras estrangeiras, expirão para a Sciencia; Os desgraçados Collegas de La Péronse, aos quaes o

(1) D'Aubenton.

mar devorou tudo , excepto seus direitos á posteridade. Quam exçelsos , quam ditosos são , os uteis sacrificios , rendimento generoso , sancto enthusiasmo !

Nada , alem da Virtude , nos pode conduzir mais seguramente á felicidade , que o amor das Sciencias Naturaes.

E vós que me escutaes , que ainda mancebos formaes nossa mais cara esperança , vós , diante de quem abro uma carreira que podeis illustrar com tantos trabalhos , ah ! . . . quando tiver-des ensaiado a consolante verdade : que a felicidade existe na Virtude que ama , e na Sciencia que esclarece ; quando no gremio do esplendor da gloria , ou no obscuro de um socegado retiro , desfructardes as delicias com que a Natureza adorna o seu estudo , e que o vosso coração memore os primeiros annos , primeiros es-

forças , e successos , mesclai, tal qual
vez , a esses pensamentos , a lembrança
do que ja não existirá , mas que hoje ,
com todas as forças da sua alma , e do
seu espirito , vos convida aos mais ven-
turosos Destinos.

LACEPEDE. *Discurso de pôr ponto às
lições de Historia Natural. Anno 6º.*

INVOCACÃO À PAZ.

OH Deos Optimo ! Que, presente, és da
Natureza unico esteio , que das leis do
Universo mantens a harmonia ; que lá
no immovel Throno do Empyreo , vês
placidas sob teus pés rodarem todas as
Espheras celestes ; que , do seio do re-
pouso , a cada instante reproduzes seus

infinitos movimentos, e unico reges em profunda paz esse numero immenso de Ceos, e mundos, restaura, Oh restaura enfim o remanso á commovida terra, e muda jaza! Cessem, á tua vóz, de apregoar altivas seus clamores, a Guerra e a Discordia!

Deos de bondade, autor de todos os Entes, tudo o que has creado, tua vista paternal o abraça; ao Homem porém que estremaste, tu o has esclarecido co's raios da tua luz eterna; põem o cumulo aos teus beneficios, com lhe penetrar o Coração com uma sétta de amor teu....

Lavrando esse diyino movimento pelo Homem todo, congraçadas virão a ser inimigas nações. Não mais o Homem temerá o aspecto do Homem, não mais empunhará ferro homicida.... O devorante fogo da guerra cessará de exaurir

o manancial das gerações. A especie humana, agora debil, mutilada, na flor ceifada, brotará de novo, e multiplicará sem numero; a Natureza que assoberba o pezo dos flagellos, esteril, desamparada, presto voltará com nova vida á fecundidade antiga: e nós, benefico Deos, ajudando-a com aturado cultivo, a havemos de contemplar, para te offerecer, a cada instante, novo tributo de admiração e de agradecimento.

BUFFON. Vista primeira da Natureza.

CONSCIÊNCIA.

Nossas afflicções e secretos remorsos, em toda a parte rendem homenagem á sanctidade da Virtude que violamos; por toda a parte um pendor de tristeza e dis-

gosto nos admoesta, que a ordem e innocencia, são a unica ventura que nos era destinada sobre a terra. Embalde lidamos por armar-nos de falsa intrepidez; a consciencia criminosa de si mesma se vende.

Por toda a parte caminhamos a diante de nós cruéis terrores; turba-nos a solidão, as trevas nos amedrontão; pensamos que de todos os lados nos acommettem phantasmas, que nos assaão os internos horrores da nossa alma. Negros e sombrios quadros se nos accumulão nos funestos sonhos; E o crime apoz o qual com tanto jubilo corremos, passado um instante, nos persegue como um cruel abutre: empolga-nos para nos rasgar o coração, e punir-nos do prazer a que elle mesmo nos arrojara.

MASTILLON.

REMORSOS DE CONSCIENCIA.

A CONSCIENCIA dá-nos segunda prova da immortalidade d'alma. Todos os homens tem no intimo de coração um Tribunal, onde principião a julgar-se a si mesmos, esperando que o Arbitro supremo confirme a sentença. Se o vicio é só consequencia physica da nossa organização, donde vem o terror que envenena os dias da culpavel prosperidade? Porque são tão formidaveis os remorsos, que muitas vezes se prefere a rigor da pobreza, á todo o austero da Virtude, á posse de illegítimos bens? Porque nos clama o sangue, e as mesmas pedras nos fallão? O Tigre espedaça a Victima e

dorme ; feito homicida , o homem vela .
 Ermos sitios inquire , e eis ja que a solidão lhe é medonha ; arrastra-se ao redor dos sepulchros , e esses mesmos sepulchros o atemorisão ; movediça e desinquieta a vista se prega , a olhar fito a fito , na salla do banquete , temendo avistar na parede a mão que traça os funestos caracteres afim de o atormentar , parece que os sentidos lhe vigorão . Lá na alta noite vê clarões ameaçadores , fetida aragem de carnificina lhe assalta a todo instante o olfato ; as mesmas iguarias que para si appresta , lhe trazem o ressaibo de veneno ; de mui subtis , seus ouvidos percebem estrondo quando em tudo o silencio jaz ; e no abraçar o amigo suspeita punhal occulto .

CHATEAUBRIAND *Genio do Christia-*
nismo.

OMESMO OBJECTO.

CONSCIENCIA ! Consciencia ! Instincto divino ; voz immortal e celeste , guia seguro do Ente ignorante e limitado , mas intelligente e livre : Juiz infallivel do bem e do mal , que a Deos o homem assemelhas ! Tu es a excellencia da sua natureza , tu a moralidade das suas acções ; sem ti nada em mim sinto que supere o bruto , se não é o privilegio de extraviar-me de erros em erros , soccorrido por um entendimento sem regra , e uma razão sem principio.

Graças ao Ceo , eis-nos libertos de toda essa aterradora pompa Philoso-

phica , podemos ser homens sem ser sabios ; dispensados de consumir a vida estudando a moral , temos facil (1) mais seguro guia , neste Dedalo immenso das opiniões humanas. Mas não basta que este guia exista , cumpre saber reconhecerê-lo e segui-lo. Se falla a todos os corações , porque tão poucos o escutam ? Ah ! é porque nos falla na lingua da natureza , que tudo nos fez deslembrar,

Timida a Consciencia ama o retiro e a paz , o arruido e o mundo a espantão ; seus mais crueis inimigos são os preconceitos de que a derivão ; ante elles foge ou se calla ; seus estrondosos gritos a voz lhe abafão , e a privão de escutar-se ; atreve-se o fanatismo a contrafazê-la e a em seu nome dilatar o crime. Mas

(1) Facil por facilmente.

á força , em fim , de a expellirem , re-
bella-se , deixa de nos fallar , deixa de
responder-nos , e , depois de tanto a
termos desprezado , tanto custa o re-
voca-la , quanto custou bandi-la.

J. J. ROUSSEAU , *Emílio*.

AMOR DOS HOMENS.

OH HUMANIDADE , sublime e generosa
inclinação , que transportes da simples
ternura demonstrão na infancia , na mo-
cidade o affouto de uma cega confiança ,
durante a Vida , por quam faceis con-
trahimos novas amizades ! Oh gritos da
natureza , que retumbaes de um a outro
pólo , que nos ceuaes de remorsos se
opprimimos nossos semelhantes , de pu-
ras delicias se os consolamos ! Oh amor ,

Oh Amizade, Oh beneficencia, perennes fontes de bens e de doçura ! Só porque recusão ouvir-te são os homens desgraçados ! Oh Deoses, autores de tantos benefícios ! O instincto poderia na verdade, approximando Entes curvados ao pezo de males e indigencias, dar-lhe á fraqueza transitorio arrimo ; porem só uma bondade infinita como a vossa, projectou o congregar-nos por um sensivel impulso, e tão ardentes incentivos desprender ás grandes sociedades que a terra cobrem, que eterniza-las possão.

Mas em lugar de aviventar esse sacro fogo, nós deixamos que frivolas dissensões, interesses vis, de continuo lidem por apaga-lo. Se nos contassem que dois desconhecidos, que em deserta Ilha arrojava o acaso, unidos obtiverão encantos, que do resto do Universo os compen-

sárão; se nos dissessem que uma familia existe, só occupada a roborar laços do sangue pelos d'amizade; se nos contassem que n'um recanto da terra existe um pòvo, cuja unica lei é o amar-se, e aquem só é crime o pouco amarem, qual de nós ousaria lamentar a sorte destes dois desconhecidos? Quem não invejára pertencer a tal familia? Quem a tão feliz clima não voára? Oh nescios mortaes, indignos do vosso destino! Não cumpre atravessar os mares para deparar co' a ventura; ella póde existir em todos os lugares, em vós, a roda de vós, por toda a parte aonde se ama.

BARTHÉLEMY. *Viagens d'Anacharsis.*

A LIBERDADE

O PRIMEIRO DIREITO, O PRIMEIRO BEM DO
HOMEM.

A LIBERDADE é o primeiro direito do homem, direito pelo qual só ás leis deve obedecer, e só leis temer. Infeliz o escravo que temer pronunciar seu nome! Infeliz o paiz, aonde pronuncia-lo fôra crime! Crime era sob o jugo de vossos tyrannos. Mas que produzirão seus vãos furores? Por ventura suffocarão no coração de vossos páes essa sensação generosa? Possivel é combatê-la, destrui-la

nunca. Subsiste por toda a parte, onde animos ha intrepidos, conserva-se nos ferrões, vive nas prizões, renasce sob as machadas dos Lictores. Em quanto, Oh Romanos, a tiverdes, coragem tereis, tereis Virtudes.

Marco Aurelio, sobindo ao Throno, conheceo esse direito sagrado; vio que o homem, nascendo livre, mas instando-o sêr governado, sub-metêra-se a Leis, mas nunca aos caprichos de um Senhor; que nenhum homem tem direito de, como Arbitro, commandar outro; que usurpando poder, seu mesmo poder destróe. Vira nos annaes os males de vossos maiores; governando Nero e Tiberio; o despotismo desses monstros, durante os quaes, outra virtude não havia que a de saber morrer; o despotismo tão odioso, e ainda mais cobarde

dos Libertos , a oppressão do Imperio ; o Universo escravo ; um homem que debaixo do nome de Imperador , tudo anniquilava , porque o centro de tudo se fazia , parecendo dizer ás nações : *« Tossos bens, vosso sangue, tudo é meu ; soffrei e morrei »*.

Deos ! Releva que duzentas nações se despenhem na desgraça , só porque a um homem falte a Virtude? Marco Aurelio , a quem toda a força do despotismo armava , livre a despe. Para que de seu poder não abuse , de todas as maneiras o limita. Augmenta a auctoridade das leis que tantos Imperadores desvanecer quizerão ; engrandece a dos Magistrados , que tantas vezes só phantasmas ou escravos fôrão.... Romanos ; não temo dizê-lo , nos mais bellos dias de Roma , quando os Consules governa-

vão , nunca vossos antepassados forão
mais livres que vós. Que importa que
um governè, ou muitos? Reis , dicta-
dores , consules , decemviros , impe-
radores , todos esses nomes differentes
sò uma còisa exprimem , os Ministros
da Lei. A Lei é tudo : póde mudara Cons-
tituição dos Estados , mas os direitos do
Cidadão são sempre os mesmos.

THOMAS. *Elogio de Marco Aurelio.*

EXORDIO

DA ORAÇÃO FUNEBRE DA RAINHA D'IN-
GLATERRA.

AQUELLE que sobre os Ceos reina , e do
qual derivão os Imperios , a que só per-

tence a gloria, majestade, e independen-
cia, o unico é tambem que se glorifica
em pôr leis aos soberanos, em dar-lhe
(quando lhe appraz) lições grandes e
terriveis. Que thronos alevante, ou que
os abata; que aos príncipes communi-
que o seu poder, ou que, desampa-
rando-os á propria fraqueza, em si
mesmo o recolha, de maneira sublime
e digna delle, seus deveres lhe ensina:
por quanto, se o poder lhe confere
commanda-lhe, que a bem do mundo,
como elle o empreguem; e retrahin-
do-lho; convence-os de que toda essa
magestade lhe não é constante, que se
em aureo throno recumbem, nem por
isso menos os dominão, sua regia mão,
sua auctoridade suprema. Eis como ins-
true aos príncipes não só discorrendo e
fallando, mas tambem por effeitos e

exemplo : *Et nunc reges intelligite ;
erudimini qui judicatis terram.*

Christãos , que a lembrança de uma grande Rainha , filha , esposa , mae de reis tão poderosos , soberana de tres reinos , de todas as partes convida a esta triste cerimonia , neste discurso vereis um dos formidaveis exemplos , que aos olhos do mundo alardeão toda a sua vaidade ; Vereis n'uma só vida todos os extremos humanos ; tão illimitada ventura , quão illimitadas misérias ; vereis longo e placido gozo da mais nobre corôa do Universo ; uma fronte acuryada ao pezo de quanto o nascimento e grandeza podem outorgar de mais glorioso , entregue depois a todos os ultrajes da fortuna ; magnificos successos que lauréão a boa causa , mas improvisos logo os dissabores , e inatu-

ditas mudanças; represada largo tempo;
 a rebellião em fim despota soberana;
 desenfreada a licença; as leis abolidas;
 por nunca vistos attentados violada a
 magestade; usurpação e tyrannia sob o
 nome de liberdade; uma Rainha fugi-
 tiva, que em vão busca asylo em trez
 reinos, e aquem a mesma patria lhe é
 triste desterro; nove viagens que, a
 despeito das tempestades, no mar em-
 prende uma Princeza; o Oceano espan-
 tado ao ver-se, em tão diversos appa-
 ratos, por tão differentes causas, tantas
 vezes fendido; um throno indignamente
 derrocado, e por milagre restabelecido:
 Eis os traslados que Deos dá aos reis, eis
 como declara ao mundo o nada das suas
 pompas, o nada das suas grandezas.

Se nos faltão palavras, se as expres-
 sões não igualão tão vasto e sublime

assumpto, de si mesmas as cousas fallarão assaz; dará vozes o coração de uma Rainha, que elevada ao galarim das mais brilhantes prosperidades, subito descahe n'um abysmo de amarguras; e se ao particular não é permittido legislar aos príncipes, acerca de acontecimentos tão estranhos, um rei presta-me palavras, com que diga: *Ouvi ó grandes da terra, instrui-vos Arbitros do mundo,*

BOSSUET.

ELOQUENCIA CHRISTÃ.

Os antigos só conhecêrão a Eloquencia judiciaria e politica: a Eloquencia moral

ou a Eloquencia de todo o tempo, de todo o governo, de todo o paiz, só apparece na terra com a lei Evangelica. Cicero defende um Cliente, Demosthenes combate um adversario, lida por accender o amor da patria no já degenerado povo: que fazem ambos? instigar paixões, e só no tumulto que aos corações arrojam, fundão a esperança do successo. A Eloquencia do púlpito buscou o seu em região mais elevada. Só pertende embevecer, combatendo os movimentos d'alma; só, no silencio de todas as paixões, quer que a escutem. Deos e a Caridade, eis o seu texto; sempre o mesmo, sempre inexaurivel. Para que brilhe, não necessita dos conluios de um partido, nem de emoções populares, nem de grandes circumstancias. Na mais profunda paz, no tumulto do mais obs-

curo Cidadão , deparará c'os seus mais sublimes movimentos. Quanto não tem de penhorar - nos , desconhecida , a Virtude ! Dar - se - hão lagrimas a um homem de quem nunca se ouviu fallar. Incapaz de temor , e de injustiça , sem os consultar dá lições aos reis ; consola o pobre , sem que os vícios lhe lisongee. A Politica , e todas as terrenas cousas lhe não são desconhecidas ; bases aliás da Eloquencia antiga , só d'esta são motivos secundarios.... das alturas em que domina as divisa , como a Aguia avista do cume da montanha , os objectos que se arrastão na planicie.

CHATEAUBRIAND, *Genio do Christia-*
nismo.

IMMATERIALIDADE D'ALMA.

QUANTO mais entro em mim, quanto mais me consulto, mais estas palayras leio, que em minh' alma estão gravadas: *sé justo, e feliz serás.* Mas ao contemplar-se o presente estado das cousas, tudo se desvaneece: opprimido o justo; o máo prospera. Que indignação nos possui, frustrada tal esperanza! Revólta a Consciencia, contra o seu autor murmura; clama entre gemidos: *Enganaste-me!* — Temerario! Illudi-te?... quem t'o affirma? Tua alma se anniquila? De existir cessaste?... Ó Bruto! Ó meu filho, terminando-a, não manches tua nobre

vida : com teu corpo não deixes , nos campos de Philippes , tua esperança e gloria. Porque dizes : *E' nada a virtude*, quando sobes a gozar o merito da tua ? Cuidas ir morrer ? Não , tu á vida te abalanças então verás que o prometido manifesto.

Ao murmúrio dos mortaes impacientes , suspeitar se-hia , que Deos , ao merecimento , deve preceder o galardão , e forçoso é que a Virtude remunere adiantado. Ah !... sejamos de primeiro bons , felizes depois seremos. Não cubicemos a recompensa antes da victoria , nem antes do trabalho o seu salário. Não é na lice , dizia Plutarcho , que se corôão os vencedores de nossos sagrados jogos , mas só depois que a decorrêrão.

Se a nossa alma é immaterial , porque não sobreviverá ao Corpo ? Se lhe sobre-

vive, a Providencia a justifica. Quando outra prova eu não tivesse da immaterialidade d'alma, que o triumpho do malvado, e a oppressão do justo neste mundo, só isso bastante fôra a me des-
 terrar as duvidas. Tão dissonante absur-
 do na harmonia Universal, me obrigára
 a resolvê-las. Diria-me: *Não acaba tudo
 para mim com a vida; tudo co-ordena a
 morte.*

J. J. ROUSSEAU. *Emile.*

OS MANCEBOS

CÊDO CORROMPIDOS, SÃO INHUMANOS E CRUEIS; O MANCEBO CORDATO ATÉ OS VINTE ANNOS, É O MELHOR E MAIS AMÁVEL dos HOMENS.

SEMPRE observei que os mancebos cêdo-corrompidos, entregues aos prazeres vênereos, e á devassidão, são inhumanos e crueis; fegoso temperamento os molda á impaciencia, vingança e furia : cheia de um só objecto, a imaginação nega-se a tudo o mais; piedade e misericordia desconhecem, ao menor dos seus prazeres sacrificarão pae e mãe, o Universo inteiro.

Não assim o mancebo , que educou feliz simplicidade ; os primeiros movimentos da natureza o inclinão ás paixões ternas e affectuosas : as penas de seus semelhantes commovem-lhe o compassivo peito ; salta de alegria se o collega encontra ; nos braços o aperta caricioso , cahem-lhe dos olhos lagrimas de ternura ; sente o pêjo de desagradar , pena-lhe o offender. Se ardente , inflammante sangue o torna vivo , colérico , impetuoso , passado um instante , vê-se a bondade do seu coração no arrependimento em que trasborda , geme , chora sobre a ferida que abriu ; quizera a preço do seu sangue , resgatar o que derramou : esvae-se a colera... conhecido o erro a soberba humilha. Offendem-no ? No auge de seu furor , uma desculpa , uma palavra o tranquillisa.

de tão bom gráo perdoa alheias faltas;
 como repára as suas. A adolescência não
 é a idade da vingança, e do odio; mas
 a da commiserção; clemencia; e
 generosidade. Sim; sustento-o; sem
 temer que a experiencia me desminta.
 O infante não mal-nascido, que até
 vinte annos conservou a innocencia,
 nessa idade é o mais generoso, o mel-
 hor, o mais amante, e amavel de todos
 os homens.

J. J. ROUSSEAU. *Emile*,

NOTA DO EDITOR. Este livro é a continuação da obra
 de Rousseau sobre a educação do homem, e é a obra mais
 importante da sua philosophia.

A S O M B R A

DE FABRICIO AOS ROMANOS.

—

OH FABRICIO! Que pensaria tua grande

alma, se por teu infortunio, revocado

á vida, vîras a pomposa face dessa Roma
 salva da por teu braço, que teu nome
 respeitavel, mais que todas as suas con-
 quistas, illustrára? Deoses, disseras,
 em que se mudarão os tectos de colmo,
 os rusticos lares, que antigamente habi-
 tavão a moderação e a Virtude? Que ex-
 plendor succedeo á Romana simplici-
 dade! Que estrangeira linguagem! Que
 affeminados costumes! Que fizestes?
 Senhores das nações, passastes a escla-
 vos de homens frivolos que vencestes;
 governão-vos Rhêtores... regastes com
 vosso sangue a Asia e a Grécia; para
 enriquecer architectos, pintores, esta-
 tuarios, farcistas? são preza de um
 tocador de flauta os despojos de Car-
 tago?....

Romanos, appressai-vos em derribar
 os Amphitheatros, marmôres rompei

queimar os quadros , affugentai escravos
 que vos subjugão , e cujas funestas artes
 vos corrompem. Outras mãos se illustrem
 com vãos talentos : o unico talento digno
 de Roma , é o de conquistar o mundo ,
 de nelle fazer que reine a candida vir-
 tude. Quando o Senado figurou a Cynear
 uma assemblea de reis , não o fascinarão
 as pompas , meditadas elegancias , nem
 ouviu a frivola eloquencia , estudo e en-
 canto de homens futeis. Mas qual foi a
 magestade que deo nos Olhos de Cy-
 neas ? Ó Cidadões , a de um espectaculo ,
 que nunca mais darão vossas riquezas ,
 nem todas vossas artes ; o mais bello
 espectaculo que debaixo do Ceo appa-
 receo , a assemblea de duzentos homens
 virtuosos , dignos de commandar a Roma ,
 e de governar a terra.

O MESMO. *Discurso 1º. Tom. 1º.*

CONCEITO DA DIVINDADE

No conceito (1) da Divindade, tudo é grande, nobre, e invencível na mais estreita vida, sem elle tudo é fraco, e no mesmo seio das grandezas, só amarga

(1) *Sentiment* diz o Original; e não ha palavra mais difficil de traduzir em portuguez. Os Francezes a empregão a cada passo, e em diversos sentidos. Varios pareceres se me derão; escolhi o de *conceito*. Aquem mais agradar: *Opinião*, *persuasão*, *idea*; ou á Franceza: *sentimento*, pode substituir-lho. Vêja-se a nota de *Filinto* acerca da palavra franceza *sentiment*.

tedio se encontra. Quem, se não elle,
 deo a Sparta e a Roma o imperio., mos-
 trando-se os Deoses, a seus pobres e vir-
 tuosos habitantes, como protectores e
 concidadões? Destruído, quando outros
 Deoses não virão no Orbe que o ouro e
 regalos, cahirão na escravidão ricos e
 viciosos. Forcêje embora o homem em
 se ladear dos bens da fortuna, se essa
 afeição do peito lhe desaparece, toma
 posse o desgosto. Se a sua ausencia se
 dilata, descahe em tristeza, logo em
 negra melancolia, e porfim desespera.
 Se esse estado é constante, elle se des-
 troe.... o homem é o unico ente sensivel
 que livre se anniquile. A vida humana,
 co' as suas pompas e riquezas, cessa de
 parecer-lhe vida, ao dar fé que ella não
 é immortal, não é Divina.
 Seja qual for a desordem das nossas

sociedades , esse instincto celeste se felicita sempre com os filhos dos homens. Inspira os que tem ingenho , mostrando-se lhe sob attributos eternos. Presenta ao Geometra as progressões ineffaveis do infinito ; ao musico arrobadas harmonias ; ao historiador as não perece-douras sombras dos coriphêos da virtude. Ao Poeta erige um Parnasso , ao Herôe um Olympo. Reluz nos dias do infortu-nado povo... faz que o pobre saboiano suspire, no meio do luxo Parisiense , pelas sanctas neves que seus montes ac-cubertavão. Erra nos vastos mares , e , dos doces climas do Indo , revoca o nauta Europeo ás tormentosas ribas do Occidente. Patria outorga aos infelizes , aos que nada tem perdido da-lhe peza-res. Enroupa-nos os herôes com os en-cantos da innocencia , sombrêa-nos os

paternos jargos e as esperanças da
 immortalidade. No centro das tumultuo-
 sas cidades repousa nos palácios dos
 grandes reis, nos templos augustos da
 religião. Tempo ha que nos desertos se
 entranha, e aos rochedos attrahe res-
 peitos do Universo. Assim vos cobrio de
 magestade, oh ruinas de Grecia e de
 Roma, e vós igualmente, oh mysteriosas
 pyramides do Egypto! A elle de conti-
 nuo recorremos no auge das nossas in-
 quietas occupações, mas quando re-
 pentino acto de virtude no-lo inculca,
 algum dos acontecimentos que golpes
 chamão do Ceo, ou uma dessas emoções
 sublimes, que definir-se não podem,
 que por excellencia designão rasgos de
 affecto, qual é seu primeiro effeito?
 Vivida alegria nos assalta.... lagrimas
 vertemos. Nossa alma, a quem fere essa

luz divina, a par se congratula e se affige,
entre vendo a celeste Patria, e sentindo
se em desterro.

BERNARDIN DE SAINT-PIERRE. *Estudos
da Natureza.*

AMIZADE.

SUBLIME paixão, movel das almas
grandes, felicidade mundana, ante
quem se atenuão e desaparecem todos
os males, avultão e se formosão todos
os bens! Oh divina Amizade!... só teu
nome as delicias me recorda de toda a
minha vida! Paixão heroica, cujo fogo
sempre puro, accende a sensibilidade
a intelligencia anima! consoladora vir-

ade, que o Ente supremo deo ao homem, para o compensar dos funestos effeitos da razão extraviada; benefico impulso, sem ti orphãos de bens semos.... qual é o bem que ao amigo releva encobrir? Virtude celeste, cujo nome tantas vezes prostituido, cuja imagem tantas vezes alterada, não obsta a que, mesmo ignorando-te, os mortaes te adorem! Rasgo sublime e generoso que o sêr nos ennobreces, e que só para o amigo, do nosso coração escolha, nos dás a vida!.. tu és quem agora delinear vamos.

Aquelle, em cujas entranhas se ateão as doces labaredas da sancta amizade, nunca experimenta affeição mais viva, que quando ao caro amigo mais instão seus soccorros; segue-o no meio da mais cruel desgraça; para nunca mais o largar a elle se prende; o mesmo, gele

que se appodera do seu escolhido, não pode apagar o celeste fogo que o abraça; ama o mesmo ingrato, mesmo infiel ás sanctas leis da Amizade; lastima-o; perdoa-lhe; nem por isso, desolado, o adora menos; immola-lhe toda a sua ventura; quer morrer pelo seu Orestes; e consente que elle o ignore. C'ó a do seu amigo se confunde sua alma; molda o na os mesmos desejos; movimentos; e affeições; quando a morte, que desune tudo, lhe arrebatá o objecto de sua terna e immortal paixão; corajoso o accompanha ás margens do sepulchro; seus prantos lhe esconde; de delicias povoa esses funestos instantes; consola-o no momento em que tudo para sempre lhe vai ser roubado; e, fechada a fatal porta do tumulo, consternado, perdido

a esperança, não mais represa a corrente de suas lagrimas. Só, empegado no silencio dos mais expessos e desertos bosques, chora o perdido amigo, em cuja saudosa imagem ceva o coração.... coração que, mais não podendo desabafar suas affeições, á dor se entrega, consome a vida que não lhe sendo propria, lhe é ja inutil. Quantas vezes, reinando sobre a terra as sombras, a favor de um debil clarão, julga distinguir o amigo! Falla-lhe... ah! como se o pudesse ouvir, essa cruel e doce illusão a dor lhe enleva!... mas que encontra? Trevas insensíveis, e no peito as mais rigorosas penas. Pede-o á noite, ao dia o pede; e ja não podendo supportar o amargo pendor das suas tristezas, da sua perda, cede em fim á dor.... expira, repetindo o

nome do seu amigo. Oh celeste Amizade!
 Porque igual não queima o lume teu
 o intimo do coração humano? Por-
 que habitas labios de tantos, de tão
 poucos o animo? Qual a razão porque
 teu nome, que só a virtude pronunciar
 devêra, servio tantas vezes a palliar
 negras traições, conspirações, trai-
 donas!

LACEPEDE, *Poetica da Musica*

IDEA

DO OBJECTO DA VERDADEIRA RELIGIAO

Se nos damos a contemplar qualida-
 da Religião, cuja antiguidade respeita

mo, nos offerece do primeiro Ente objecto della, confessamo-la superior a todo o pensamento humano, e digna de a considerar-mos como procedida do mesmo Deos.

O Deos que os Hebreos e os Christãos sempre hão servido, nada tem de commum co' as Divindades cheias de imperfeições, e até de vícios, que o resto da Orbe adorava. Nosso Deos é um, infinito, perfeito, o unico digno de vingar o crime e de coroar a virtude; por quanto só elle é a mesma sanctidade.

Quanto infinitamente excede a causa primeira, o primeiro motor que os philosophos conhecêrão, sem que todavia o adorassem! Deste numero os que mais longe fôrão, proposerão-nos um Deos que, achando a materia eterna, existindo como elle por si mesma, a pôz

em acção , a moldou como artifice vulgar , cuja obra constrange a materia e disposições que lhe não são proprias ; nunca poderão attingir , que se a materia existe por si mesma , de mão estranha deveya esperar a perfeição ; que se Deos é infinito e perfeito , para formar tudo quanto queria , só necessitou , de si mesmo , da sua vontade omnipotente. Mas o Deos de nossos páes , o Deos de Abrahão , o Deos , cujas maravilhas nos escreveo Moisés , não só dispôz o mundo , fê-lo todo inteiro em materia e em forma. Antes que existencia outorgasse , só elle a tinha. Demostra-se-nos , ao aceno da sua palavra , tudo executando , assim porque tudo faz com razão , como porque tudo faz sem pena , e que para formar tão grandes obras , nada mais lhe

custa que uma palavra , quero dizer , só o querer lhe custa.

E para seguir a história da Creação, pois que a principiámos, Moisés nos ensinou que este poderoso architecto, a que tão pouco as cousas custão, as quiz fazer por muitas vezes, e crear em seis dias o Universo, para mostrar que não obra por necessidade, ou impeto cego, como alguns philosophos o imaginárão. O Sol de um lance dardêja, sem retrahir-se, todos os seus raios; mas Deos que obra intelligente, e com soberana liberdade, applica a sua vïrtude aonde e em quanto lhe appraz; e como creando o mundo pela sua palavra, mostra que nada o pena, fazendo-o por muitas vezes, manifesta que é o senhor da materia, da acção, de toda a sua empreza, que, obrando, outra regra mais não tem que-

a sua vontade, Archetypo sempre da rectidão e da justiça.

Desta maneira nos mostra Deos também, que tudo immediatamente sahe da sua mão. Os povos e philosophos que se persuadirão de que a terra misturada com agua, e auxiliada, se queira, pelo calor do Sol, por si mesmo, por sua propria fecundidade, produzira as plantas e os animaes, enganarão-se grosseiramente. A Escriptura revelou-nos, que os elementos são estereis, se a palavra de Deos os não fecunda. Nunca as plantas e animaes que vemos, povoariam a terra, ar; e agua, se Deos que fizera e preparára a materia, a não formára ainda por sua vontade omnipotente, e não desse a cada coisa as sementes proprias, afim de em todos os seculos multiplicar-se.

Os que vem brotar e crescer as plantas sob a influencia do Sol, poderião julgalo seu creador. Mas a Escriptura nos descobre a terra de hervas, e de toda a qualidade de plantas ver deixando, antes de creado o Sol, para concebermos que só de Deos depende tudo.

Approuve aes se grande Artifice o crear a luz, ainda antes de a reduzir á forma que lhe deu no Sol e nos astros, querendo ensinar-nos, que estes grandes e magnificos luzeiros, que o homem tantas vezes cuidou transformar em Divindades, nem de si tinham a materia preciosa e brilhante de que fôrão compostos, nem a forma admiravel a que os vemos reduzidos.

Em fim, a narrativa da Creação, tal qual a expôz Moisés, nos esclarece o grande segredo da verdadeira philoso-

phia : que sò em Deos reside a fecundidade e poder absoluto.

BOSSUET, *Discursos sobre a Historia Universal. Tomo 1.º Parte 2.ª*

FIM DOS FRAGMENTOS.

INDEX.

Renato,	I
Aventuras de Aristonoo.	83
Exordio do Missionario Bridaine.	119
Sciencias naturaes.	123
Invocação á Paz.	129
Consciencia.	131
Remorsos de Consciencia.	173
Omesmo Objecto.	135
Amor da humanidade.	137
A Liberdade.	140
Exordio de Bossuet.	143
Eloquencia Christã.	149
Immaterialidade d'alma.	152
Educação da mocidade.	155

A sombra de Fabricio.	157
Conceito da Divindade.	160
Amizade.	164
Idea do objecto de verdadeira Religião.	168

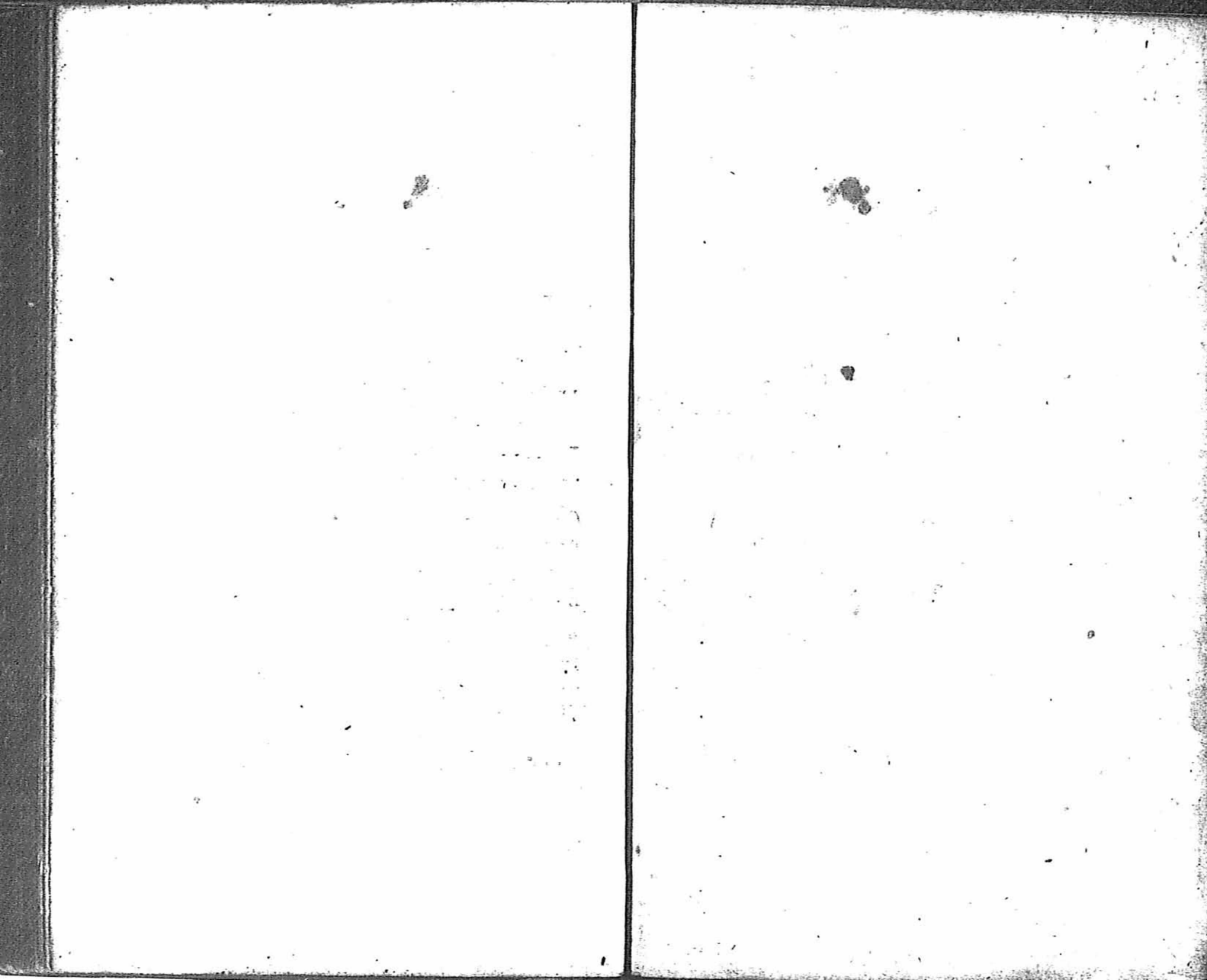
~~48319~~



ERRATAS MAIS PRINCIPAES.

<i>Pag.</i>	<i>lig.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas</i>
3	3	— Salvagens	Selvagens
	13	— nao	não
17	4	— ontros	outros
	20	— Deos	Deoses
30	11	— Caba	Cabana
35	14	— equilibrar-me	equilibrar-me
62	3	— ba-seme	ba-se-me
66	17	— a	âa
112	14	— c'ellas	co'ellas
130	2	— numero	numero
333	17	— a todo	e todo
137	12	— natuzeza	natureza
179	1	— mo	mos

Fim das Erratas.



DIRECÇÃO DE SERVIÇOS
DE AQUISIÇÕES, PROCESSAMENTO E CONSERVAÇÃO

Área de Suportes Alternativos

TERMO DE ENCERRAMENTO

**As imagens microfilmadas
reproduzem fielmente,
e na íntegra,
os documentos originais**

FILME: AGFA HDP 13

EXPOSIÇÃO: *Manual*

REDUÇÃO: 8

EMULSÃO:

N.º FM:

LOCAL DE EXECUÇÃO DO TRABALHO: BIBLIOTECA NACIONAL,
LISBOA

DATA: 30 de Março de 2004

OPERADOR: Conceição Leite

RESPONSÁVEL: Manuel Alves

